

PROJETO BELA VISTA – CATALÃO: IDENTIDADES SOCIOLINGÜÍSTICAS

*Iara Arruda CARDOSO**

Introdução

O presente texto é resultado do projeto “Identidades Sociolingüísticas Projeto: Bela Vista – Catalão”, desenvolvido no Campus de Catalão, UFG, de junho de 2003 a fevereiro de 2004, financiado com bolsa de Licenciatura – Prolicen. Neste projeto foi feita uma análise sociolingüística variacionista quantitativa da comunidade do Jardim Bela Vista da cidade de Catalão (Go) abordando as variantes fonético-fonológicas e algumas expressões inerentes do falar catalano e próprias da região de onde vieram os imigrantes.

Escolheu-se este bairro para desenvolver o projeto por ser habitado, em sua maioria, por pessoas vindas da cidade de Irecê, na Bahia, e por se constituir uma comunidade isolada geograficamente.

A pesquisa se apoiou, teoricamente, nos estudos efetuados por William Labov sobre a linguagem usada pelos adolescentes negros do Harlem, em Nova Iorque.

Procedeu-se primeiramente um reconhecimento da comunidade, procurando um entrosamento com seus moradores. E com auxílio de gravador, foram coletados os dados para análise.

* Aluna do 4º ano de Letras do CAC-UFG. Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa desenvolvido no período de junho de 2003 a fevereiro de 2004, sob a orientação da professora Drª Márcia Elizabeth Bortone, contemplado com bolsa do Prolicen.

O presente artigo propõe apresentar alguns resultados da pesquisa.

Os estudos sociolingüísticos

A sociolingüística variacionista quantitativa teve como seu iniciador o norte-americano William Labov (1983). Para Labov a língua é um veículo de comunicação que guarda em sua estruturas reflexos das relações sociais onde é utilizada, um sistema simbólico usado sempre em situação de interação social. Língua e sociedade não se separam, por isso mesmo Labov chegou a negar validade à nomenclatura *sociolingüística*, considerando tal termo redundante, uma vez que o objeto da lingüística é eminentemente social. A comunicação lingüística se realiza face-a-face entre os membros de uma comunidade específica ou entre grupos sociais, e as mensagens, solicitações, proposições, informações diversas são produzidas sem a preocupação de como produzi-las, o ato lingüístico acontecendo de forma natural e espontâneo dentro de um ambiente social.

A Labov devemos o fato de ter sido o lingüista que mais se voltou para este aspecto da pesquisa, a relação entre língua e sociedade, e a possibilidade virtual e real de sistematizar as variações existentes e próprias de uma língua em sua modalidade falada. Mas não foi o primeiro a considerar a língua a partir de seu aspecto social, seus estudos se inspiraram em modelos sociolingüísticos elaborados por estudiosos a ele anteriores, como os etnógrafos, os quais lhe forneceram motivação para a concepção de uma nova teoria.

A variabilidade inerente ao sistema lingüístico

Dentro de uma comunidade de falantes ocorrem com frequência variações nas formas lingüísticas, no momento em que são realizadas, aparecendo diversas maneiras de falar um mesmo termo em um mesmo contexto, fenômeno denominado *variante* e o conjunto dessas variantes é conhecido por *variável lingüística*. A descrição detalhada da variável lingüística apresenta o perfil completo das variantes constantes na comunidade. As variações ocorrem em grupos marcados regionalmente ou em grupos que apresentam aspectos sócio-culturais distintos. Um mesmo sistema lingüístico, isto é, uma mesma língua, ao ser realizada apresenta tantas variantes que à primeira vista pode-se pensar em manifestação caótica. Com a resolução da análise o aparente caos se extinguirá e a língua aparece como um sistema devidamente estruturado, revelando-se um sistema de probabilidade.

A análise dos possíveis fatores condicionadores, sendo eles lingüísticos e/ou não, há de indicar se favorecem o uso de uma variante(s) sobre a(s) outra(s), e proporciona o ajuste da variável ao sistema lingüístico e social daquela comunidade, a sistematização destes fatos aponta para a projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico.

O pesquisador, no ato da pesquisa, necessita coletar os dados com a participação direta da comunidade, para isso deve interagir o máximo com os falantes. O método de entrevista apresentado pela sociolingüística propõe que a reação negativa da presença do pesquisador seja neutralizada pela criação de uma atitude de naturalidade no momento da pesquisa. De posse de um gravador, o pesquisador procura coletar os dados em situação natural de fala, deixando o entrevistado à vontade para narrar fatos pessoais de sua vida.

De todo o material coletado nas gravações, Labov enfatizará o resumo, orientação, complicação da ação, resolução da ação, avaliação e coda, que constituem subpartes da narrativa.

A pesquisa

A comunidade selecionada foi a de um grupo de nordestinos; famílias, em sua maioria, vindas de Irecê, Bahia, fugidos da miséria e da seca, e que se reuniram no bairro Jardim Bela Vista, na periferia de Catalão-Go. Trata-se de pessoas de baixa renda salarial, trabalhadores em serviços braçais em lavouras de tomate, café, cana-de-açúcar e em pedreiras, com escolaridade até a 4^a série do ensino fundamental. Para a entrevista foram selecionadas, aproximadamente, 300 pessoas adultas com faixa etária acima de 35 anos.

O contato com a comunidade se deu via presidente da Associação de Moradores do Jardim Bela Vista. Foram notados nas residências fortes traços culturais e religiosos próprios do nordeste brasileiro, como a presença de altares contendo imagens de santo da devoção da região do nordeste. Foi encontrada, durante as entrevistas, uma senhora com a indumentária típica das baianas. Tratava-se de uma senhora participante de candomblé africano.

Percebeu-se que a religiosidade afro-brasileira se encontra arraigada nos membros da comunidade e que ela é até mesmo meio de sobrevivência num bairro extremamente pobre.

O grupo vive em extrema miséria e é bastante estigmatizado pela população catalana, não só pelo uso de uma variedade lingüística diferente, característica do nordeste e da zona rural, mas também devido ao isolamento físico e cultural do bairro.

Foram encontrados algumas expressões e vocábulos característicos da região de Catalão na fala dos entrevistados, embora de baixa frequência. As de maior uso são duas: *chape* e *bão dimais da conta*. A predominância recai sobre vocábulos e expressões oriundas do nordeste não usadas pelos moradores de Catalão, como, por exemplo, *lata*

de galha, toes, me formei de moça, tarefa (em vez de *serviço* ou *trabalho*), *ôche, aricum, pitomba, festa do bode, maxixe, rezero, thula, lapinha*.

Aspectos fonológicos

Com a análise dos dados percebeu-se que os traços fonológicos oriundos do nordeste estão bem presentes na comunidade do Jardim Bela Vista.

A troca do fone [dz] africado antes da vogal [i] pelo fonema [d] alveolar aparece com frequência. O mesmo acontece com a troca do fone [ts] africado pelo fone [t]alveolar em situação semelhante. Os fones africanos [dz] e [ts] ocorrem apenas antes da vogal [u], diferente da variedade utilizada em Catalão que ocorre apenas antes da vogal [i].

Nas falas dos moradores do Jardim Bela Vista, também ocorre frequentemente a elevação da vogal inicial e interna, o que é muito comum entre falantes natos do nordeste brasileiro.

No que diz respeito ao [r] retroflexo, característico da região de Catalão, maior parte de Goiás e Triângulo Mineiro, pudemos encontrar apenas em uma das entrevistas, que, por sinal, era a de uma das moradoras mais antigas do bairro, o que pode significar um indício de uma assimilação dialetal que provavelmente ocorrerá, a longo prazo, por parte dos entrevistados, por força da convivência com falantes de outra variante da língua portuguesa.

Foram encontrados traços fonéticos comuns aos dialetos caipiras nordestino e catalano, como a ocorrência de perda do fonema /s/ no final de palavras, bem como a perda do fonema /d/ nas formas de gerúndio, como, por exemplo, [fi'kemu], [pa'semu], [trabay'ãnu], [pa'sãnu], em vez de *ficamos, passamos, trabalhando, passando*. Aparece também a troca do fonema /l/, pós-vocálico pelo fonema /r/,

em mesma situação, como em *vortô*, no lugar de *voltou*, o acréscimo de [â] em monossílabos em [ô], como em [bãw] no lugar de *bom*, a omissão do fonema /r/ em final de palavras, como em [trabay'a], *trabalhar*, e a troca do fonema /λ/ pela semi-vogal /y/, o que podemos perceber no exemplo anterior e em [ˈgayu] *galho*. Ainda digno de nota a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/, como em [sesta'fera], *sesta-feira*, e [ã'do] *andou*.

Apesar de todo o fechamento a que este bairro está sujeito, alguns traços da linguagem catalana podem estar vagarosamente infiltrando no falar da comunidade analisada em virtude de os filhos dos moradores do Jardim Bela Vista estudarem em escolas catalanas e entrarem em contato com outras crianças. Essa mudança inicial já está sendo notada por algumas mães.

Possivelmente, em coletas futuras, entrevistando os adolescentes do bairro, modificações em suas falas apareçam como internalização do sotaque e de expressões próprias dos moradores da cidade de Catalão.

Para finalizar, podemos perceber que os moradores do bairro Bela Vista constituem uma comunidade conservadora no que diz respeito aos traços fonético-fonológicos e lexicais, e que praticamente não absorveram a variante usada pelos catalanos. O fato de formarem uma comunidade mais isolada guardam bem fortes e presentes os costumes típicos e o modo de falar do local de origem, Irecê, Bahia.

Referências bibliográficas

BORTONE, Márcia Elisabeth. “Comunicação Interdialetal: um retrato de diversidades culturais”. In: MAGALHÃES, Maria Isabel (org). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UnB, 1996.

_____. “Língua e Identidade Social”. In: *Revista do Instituto de Letras*, Vol. 15, nº 1 e 2, p. 22-42, 1996.

BORTORNI-RICARDO, Stella Maris. “Problemas de Comunicação Interdialetal”. In: LEMLE, M. (org). *Sociolinguística e ensino do vernáculo*. 78/79, p. 9-31. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LABOV, William. *Modelos Sociolinguísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, Fernando e ALKMIN, Tânia. *Falares Crioulos – Línguas em Contato*. São Paulo: Ática, 1987,